

Hagiografias seculares: metamorfose ou rotura?

PALAVRAS-CHAVE: hagiografia, santidade, desconstrução, Tomás da Fonseca.

KEYWORDS: hagiography, sanctity, deconstruction, Tomás da Fonseca.

1. O tema da santidade tem como mais óbvio lugar de inscrição a religião em geral e o catolicismo em particular. Não vai ser esse, porém, o previsível cenário em que o vamos expor. Abriremos caminho para territórios onde se faz a experiência da mais radical secularidade e de laicismo militante. Esta metamorfose temática declara guerra à concepção tradicional da santidade cultivada no seio da Igreja católica ou de outras quaisquer instituições religiosas, e transporta o santo para a arena do profano e da polémica.

A convocatória para me ocupar de matéria tão peregrina devo-a a Tomás da Fonseca (1877-1968) e ao seu *Agiológico Rústico* (1957). Anarquista, republicano, ateu, militante anticlerical, espírito rebelde, homem livre, tanto quanto o permitem as convicções ideológicas que professou, Tomás da Fonseca atravessou os primeiros dois terços do século XX hasteando sempre a bandeira do inconformismo e da pedagogia do homem novo cujo perfil também intentou esboçar através das virtudes cultivadas pelas personagens rústicas do seu “agiológico”.

2. Na história das religiões, o sagrado é a percepção interiorizada pela qual o homem reconhece que o mundo é governado por potências superiores que se manifestam como algo de *fascinosum et tremendum*, algo de sedutor e ao mesmo tempo terrível. Perante estas hierofanias, ele sente-se impelido a venerá-las e a prestar-lhes culto. E o movimento assim desencadeado parte do homem e vai em direcção ao universo numinoso.

Na teologia judaico-cristã, pelo contrário, o sagrado e o santo resultam de um processo cuja iniciativa se encontra inteiramente do lado de Yahweh, Santidade por excelência, Santo dos santos. Aqui a iniciativa vem de Deus que, intervindo na história, escolheu o povo de Israel e com ele celebrou uma aliança que o consagra como Povo de Deus. Ao escolhê-lo e ao torná-lo participante da santidade divina, separa-o do resto da humanidade. Esta marca

de separação define etimologicamente o sentido do sagrado/santo, enquanto oposto ao profano (*profanum*), isto é, ao que está diante ou fora (*pro*) do templo (*fanum*).

Na teologia católica, considera-se que tanto a santidade do homem como a santidade da Igreja são manifestações da santidade de Deus. Esta consiste na majestade, glória, vida e onnipotência do ser de Deus, infinitamente elevado acima de tudo que não seja Ele. Acresce ainda a misericórdia e generosidade do seu amor que o levam a acolher os homens, filhos de Israel ou não, fazendo-os passar do pecado ao reino da própria santidade divina. A santidade aparece mesmo, na eclesiologia católica, como um dos sinais que distinguem a Igreja fundada por Cristo. Esta nota essencial significa que a Igreja é o meio, no duplo sentido de instrumento e ambiente, em que os homens e o mundo recebem a graça da salvação. Isso não obsta a que dela façam parte pecadores e que ela seja mesmo uma Igreja pecadora. Estamos em presença de doutrina de fé defendida contra donatistas, albigenses, hussitas e jansenistas, grupos cristãos que pretendiam que a Igreja só podia ser constituída por fiéis puros, perfeitos, santos, e não por pecadores. Mas enquanto Igreja de Cristo não pode deixar de participar na santidade do fundador. Dessa santidade compartilham todos os que pelo Baptismo se tornaram membros seus, justificados pela chamada graça santificante. O dom inteiramente gratuito da graça faz o homem participante da santidade de Deus. Tendo natureza de dom, a graça possui também a força de grande exigência de crescimento e fecundidade na prática das virtudes teologais e morais. Quando a exigência de santidade é correspondida e atinge a maturidade, produzindo frutos de excelência, a comunidade eclesial reconhece o grau heróico alcançado pela prática da vida cristã. E proclama esse reconhecimento pública e solenemente, através dos cerimoniais de beatificação e canonização daqueles que assim se distinguiram.

3. Da página de síntese teológica sobre santos e santidade, que acaba de ser escrita, nada subsiste na vasta paisagem do mundo rural onde Tomás da Fonseca vai recrutar os santos do seu *Agiológio Rústico*. A atmosfera teológica da história da salvação conduzida por Deus e a mística sobrenatural desses heróis evaporaram-se. E não há santidade sem a viagem que, pouco a pouco, vai transformando os comportamentos do homem pecador, libertando-o da malícia pela ascese e iluminando-lhe a existência pela imitação de Cristo. Ora nada disto existe no *Agiológio Rústico*. Dele foi banida a noção de pecado. Os heróis aí celebrados são inocentes, puros, acima de qualquer maldade. Movem-se na cândida santidade da natureza e prolongam-na numa existência despojada, feita de trabalho, honestidade, vida solidária e reconhecimento público.

Também o maravilhoso de milagres e o esplendor sublime das vidas de santos envoltas em lendas, piedosas e ingénuas, deixou aqui de embelezar as narrativas. No seu lugar ficaram crónicas de pedaços de vida de figuras singelas, em corpo e alma. Vêmo-las talhadas no agreste quotidiano da existência rural, repartida por artes e ofícios vários de homens e mulheres, ciosos de bem trabalhar e bem produzir, para merecerem sobreviver com dignidade. Compõem este original trabalho hagiográfico dez narrativas breves entretecidas de

descrições e diálogos, registo austero, bucólico e afectuoso de episódios vividos pelo povo humilde, mourejando por terras de Mortágua e arredores remotos. Todas as personagens satisfazem ao padrão de cena estabelecido e tornado explícito pelo narrador nestes termos: “Palavra puxa palavra, até que se caiu no campo espiritual que eu andava explorando através das aldeias da serra” (Fonseca 1957: 130). Apresenta-se, pois, o narrador como alguém que, no chão da palavra, explora o campo espiritual onde nascem e se formam as figuras com dignidade bastante para adornarem um “agiológico”. Na natureza austera, a labuta obstinada de pobres aldeões, quando travada por prodígios de honradez, virtude e solidariedade, modela figuras exemplares de santos homens e de santas mulheres.

Na galeria exibida pelo *Agiológico Rústico* desfilam personagens ficcionais que vão muito além de vulgares casos de vida através dos quais se desenha um certo universo moral e social. Preenchem esse universo tipos portadores de ideais que claramente definem uma moral laica, naturalista e conservadora. O modo esforçado e lutador como se desenrolam as suas vidas, ingénuas e sábias, reveste-as de dignidade unanimemente reconhecida por vizinhos e conterrâneos.

“Tio-Pedro, Coitadinho” (*ibid.*: 69-106) é o alfaiate de aldeia, competente na sua arte. Vai de freguês em freguês a tirar medidas e fazer provas. Acolhido com carinho na casa dos que precisam dos seus serviços, sofre no próprio lar o desprezo e humilhação de uma mulher adúltera. A prática diligente do ofício e a ascese da vida comum com a mulher infiel modelaram a santidade de “Tio-Pedro, Coitadinho”. Já a narrativa de “João Ruço, o Alma Grande” (*ibid.*: 107-125), mostra-nos um exposto acolhido por gente boa que o educou, fazendo dele um carvoeiro trabalhador e bem sucedido na sua arte. É figura que vem ainda do tempo das invasões francesas. João Ruço tinha salvado um soldado inimigo atingido pela artilharia portuguesa instalada no Buçaco, acabando por tratá-lo como se fora filho, ao ensinar-lhe a arte de carvoeiro e ao fazer dele seu colaborador. A generosidade do Ruço eleva-o à dignidade de modelo que enobrece a galeria de santos rústicos. Quanto a “Cipriano, o Homem de Aço” (*ibid.*: 127-160), a narrativa mostra-nos um justo que paira acima da tacanhez e dos pequenos abusos comuns no dia a dia dos meios rurais. Trabalhador com iniciativa, amigo de ajudar os outros, apaziguador, zeloso do bem comum, batalhador perante a adversidade, modelo de solidariedade. A estas qualidades notórias daquele a quem os conterrâneos chamavam à uma um santo homem, o narrador apressa-se a completar o retrato: “Sim, não o viam na igreja a bater no peito, ou a deitar foguetes em louvor dos oragos”. E pode concluir mais adiante: “Também eu, seu agiógrafo, o confesso, e aqui deixo exarado: Este varão de humilde estirpe, mas caldeado em aço [...], foi um santo, cujo altar se ergueu e se mantém no coração de muitos, entre os quais desejo que me contem” (*ibid.*: 160).

Santas aqui igualmente canonizadas são também “Rosalina – a Boa Moça” e “Violante, a Moça Andeja”. Foi fadário da primeira sofrer a condição de vítima do Fusco, um monstro que a seduziu com promessas e muita cantiga para depois a moer com pancada e tratar como

escrava. Tudo suportou com paciência. Mostrava aos vizinhos boa disposição e modos delicados. Sem filhos, dedicou o seu carinho às crianças da vizinhança que mimava com atenções e guloseimas. Já “Violante, a Moça Andeja” ficou memorável ao correr de terra em terra, por serras e vales, a vender e a comprar. Dela se diz que “morreu sem deixar uma telha. Mas se não logrou bens de raiz, legou coisa de mais valia: o exemplo duma vida laboriosa, sem acções más, nem ódios de quem quer que fosse” (*ibid.*: 196). Há ainda “Ana Fiadeira, a que enlouqueceu de amor” (*ibid.*: 271-303). Crónica pungente da mãe solteira que vê o filho único mobilizado para a guerra na Flandres, donde nunca mais haveria de voltar. A crónica converte-se em epítáfio poético da *mater dolorosa* que corre ao Mosteiro da Batalha para, na pedra tumular do soldado desconhecido, beijar o filho perdido.

Com estes e outros modelos rústicos cruzam-se por vezes nomes de santos do calendário litúrgico. Mas o autor não os analisa nem descreve na história ou na lenda em que floresceram. Recorta-os na devoção popular que a eles se dirige em peregrinações e romarias, celebrando-os como protectores e taumaturgos a quem se pedem milagres e pagam promessas. E o hagiógrafo dos humildes aproveita a ocasião para evocar figurões de variada estirpe que, sem sinal de temor de Deus, ora exploram a ingenuidade do povo, bom e crédulo, no intuito de alimentarem assim rendas de capelas e igrejas, ora se organizam para assaltar caixas de esmolas e receitas de concorridas peregrinações.

4. Se esta hagiografia inspirada na voz do povo soube criar novos santos, também se especializou no apear de santos em fase avançada de canonização. É o que se pode ver na desconstrução paradigmática de um santo, o Condestável D. Nuno Álvares Pereira. A demolição da figura aureolada em que a mentalidade hagiográfica plasmou a heroicidade virtuosa do “Beato Nuno de Santa Maria” e do “Santo Condestável” pode e deve ser analisada em duas fases desconstrutivas, a biográfica e a hagiográfica. É o procedimento seguido por Tomás da Fonseca ao proceder tanto à desconstrução biográfica da figura histórica de D. Nuno Álvares Pereira como à desconstrução da hagiografia em geral pela redução desta a mero processo mitográfico posto ao serviço da pedagogia da santidade, isto é, da prática heróica de virtudes que desafiam as capacidades da natureza humana.

A desconstrução biográfica consiste, no caso em análise, em separar o militar e o santo. O mérito da bravura, discernimento e génio do chefe militar não chega a ser beliscada pela leitura irreverente de Tomás da Fonseca. Quanto a este perfil de combatente e condutor de exércitos, o hagiógrafo perfilha a perspectiva positiva e rigorosa do historiador Belisário Pimenta que, no dia 18 de Maio de 1932, tinha proferido na Universidade Livre de Coimbra uma conferência intitulada “Nun’Álvares: Chefe Militar”¹. Mas o reconhecimento dos feitos do valoroso cabo de guerra não foi acompanhado de equivalente apreço pelo mesmo, na qualidade de homem exemplar pela prática de virtudes teológicas e morais e, por isso, digno

¹ Conferência publicada em Coimbra, Académica Editora, 1933.

de ser elevado pela Igreja às honras dos altares. No campo moral aponta-lhe manifestações de orgulho, arrogância, ambição² de bens materiais, e sede de poder. E documenta a presença destes vícios com episódios colhidos em narrativas presentes na *Crónica do Condestável* (*Estória*, 1991), em Fernão Lopes, e em obras recentes como a *Vida de Nun'Álvares* de Oliveira Martins e em Júlio Dantas (Dantas, s.d.: 77-88). A este cadastro moral acrescentam as marcas de uma genealogia decadente explorada segundo os critérios, então muito em voga, de naturalismo biológico e social que encontra em atavismos hereditários a explicação para patologias individuais, familiares e colectivas.

Depois da desconstrução biográfica, a desconstrução da própria hagiografia. A lógica da escrita medieval de “vidas de santos”, estribada em prodígios e milagres, suscita a indignada contestação do hagiógrafo laico. É na linha da tradição iconoclasta reactualizada pelo racionalismo iluminista do século XVIII que Tomás da Fonseca submete a exame a hagiografia. Os homens distinguidos como luminares de humanidade ficam severamente apoucados, sempre que recebem a nobilitação ao serem elevados pela Igreja às honras dos altares. Assim o pensa e diz de Vicente de Paulo o enciclopedista d'Alembert: “Prejudicaram a reputação desse excelente homem, canonizando-o” (Fonseca, 2009: 47). E devemos registar que a reflexão de Eça de Queiroz a propósito da beatificação de Joana d'Arc nasce rigorosamente da mesma inspiração. Escreveu ele: “E (sem malícia voltairiana o digo) com a sua entrada no céu ela está perdendo o prestígio que tinha na terra, e a sua santidade já irremediavelmente estragou a sua popularidade” (*ibid.*: 47). O espírito crítico levar-nos-á a perguntar o porquê de tão linear despromoção atribuída à proclamação da santidade de semelhantes figuras pela Igreja. A resposta parece ser que a explicação da sua grandeza de alma pelo recurso ao divino e ao sobrenatural lhes rouba dimensão e valor humanos. Como se tudo isto se inscrevesse numa lógica de competição irreductível e antagonista entre o humano e o divino, de tal modo que mutuamente se tivessem de excluir e aniquilar: ou Deus ou o Homem. Neste sentido, a passagem de Nun'Álvares a beato e frade carmelita terá transformado em vítima inocente o soldado e condestável (*ibid.*: 48 *passim*).

Os grandes heróis da humanidade quando a aura da santidade lhes é reconhecida pela Igreja são apeados da grandeza épica e passam à vulgaridade de seres dominados pela renúncia, senilidade e decadência. Despojados do fulgor olímpico tornam-se pobres heróis. “Para servirem a agiografia, repudiaram a epopeia”, no dizer de Júlio Dantas (Dantas, 1920: 170).

A desconstrução hagiográfica manifesta-se igualmente pela redução dos fenómenos milagrosos a episódios inscritos no funcionamento comum das leis da natureza, cuja chave

² O casamento com D. Leonor Alvim foi caracterizado como exemplo de ambição material. Era D. Leonor uma viúva riquíssima, dona de pingues rendas de terras, a que se somariam os bens territoriais reclamados pelos feitos militares de D. Nuno ao serviço do Mestre de Aviz. Como manifestação de ambição e, sobretudo, de afirmação de poder cita-se ainda a resistência de D. Nuno a aceitar que só ao rei, e a mais ninguém, pertence ter vassalos. Cf. (Fonseca, 2009: 72 e segs.; e também Fonseca, 1933).

vai sendo encontrada nos progressos da ciência. E são estes progressos que, a pouco e pouco, vão desacreditando as narrativas de milagres. Ao verificar a crescente deserção dos devotos de Santo Amaro, comenta o narrador que “agora, quando há um desastre, com fractura de membros, nem do santo se lembram. Recorrem mas é aos médicos e às farmácias” (Fonseca, 1957: 212).

5. Falta a Tomás da Fonseca fôlego especulativo para discorrer com elevação intelectual sobre as complexidades da fenomenologia do mal. Mas a falta de reflexão e doutrina substantivas foi suprida por uma visão anedótica da presença do diabo na história ou, como diz em título de obra sua, “o diabo no espaço e no tempo”. Preenchem esse espaço-tempo registos colhidos nas mais variadas fontes onde o diabo figura como personagem. Desfia um rosário de nomes de santos que souberam conviver com as astúcias de Lúcifer, deles saindo vitoriosos: Bento de Núrsia, Gertrudes, Francisco de Paula, Macário, Juliana, Teófilo, Hilarião, Antão e tantos outros. E os muitos enredos em que faz intervir o diabo, obedecendo sempre ao propósito de o reabilitar, constroem cenas paródicas em que o autor visivelmente se compraz.

O diabo exerceria a nobre função de colaborador de Deus, fiscalizando o cumprimento pelos homens das vontades e mandamentos divinos e pondo os homens à prova como hábil tentador que sabe ser. Príncipe do mal e inimigo de Deus, ele encontra no autor do *Agiológio* a simpatia de verdadeiro correligionário. Já nos *Sermões da Montanha* (1909) tinha deixado claro que “Deus [...] matou Cristo, o amigo dos homens, ao passo que por amor deles, o Diabo, na pessoa do mesmo Cristo, sofreu todos os insultos e agonias...” (Fonseca, 1912: 44). E assim, para melhor desacreditar a ideia de Deus e da sua obra, desenvolve uma verdadeira apologia do diabo. Em obra muito posterior há-de até escrever que assumiu como ingente tarefa sua, “a reabilitação do diabo” (Fonseca, 1958: 13). Parece então que a sua “agiologia” carece de continuação e aprofundamento através de uma demonologia, sempre em perspectiva.

6. Falar de hagiografias seculares tendo por universo o *Agiológio Rústico* e o conjunto da obra literária de Tomás da Fonseca não quer dizer que se pretende conferir mais amplitude à santidade incluindo nela santos de fato e gravata ou de mãos calejadas pelo trabalho em vez de confinada a religiosos, clérigos e mártires, como sucedeu no catolicismo até há pouco. O século evocado nos perfis deste hagiológio é o mundo na sua espessura material e humana. Mundo habitado por ideias de liberdade e justiça envolvidas por voluntariosos sentimentos filantrópicos. Deus foi despejado deste século. E o hagiólogo não se contenta com prescindir de qualquer função de Deus nele. Propõe-se militar contra todos os vestígios do divino, envolvendo-se para o efeito na reabilitação do diabo.

Entre o hagiológio cristão e a hagiografia secular tal como esta foi interpretada não existe qualquer continuidade, antes a mais radical rotura. E o corte não reside apenas no facto de os santos seculares, homens e mulheres, pouco terem de católico. Sob o véu piedoso de uma imaginação fértil e de devoção ao povo humilde e trabalhador entregue à vida simples no

bucolismo das aldeias, prossegue o seu caminho o aguerrido militante que, sobre anticlerical, se confessa impenitente ateu e pertinaz adversário de todas as religiões.

Contra a hagiografia aristocrática que trata os santos como campeões da virtude e os mais excelsos dos homens aos olhos de Deus e da Igreja, Tomás da Fonseca pratica uma hagiologia democrática temperada na forja do sofrimento e da exploração. Canoniza como modelos de humanidade pessoas simples e humildes que se distinguem pela elevação e nobreza da vida rústica que levam. Ao leitor atento, porém, não escapará que este “agiológico”, tão brando e beato, esconde a contida revolta do povo explorado. E quem não perceberá que uma hagiografia assim vale bem um manifesto revolucionário?!

Bibliografia

- DANTAS, Júlio (s.d.). *Outros Tempos*. Lisboa: Portugal-Brasil.
- DANTAS, Júlio (1920). *Abelhas Doiradas*. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugal-Brasil L.da.
- Estoria de Dom Nuno Alvarez Pereyra* (1991). Edição crítica da “Coronica do Condestabre” com introdução, notas e glossário de Adelino de Almeida Calado. Coimbra: Por Ordem da Universidade.
- FONSECA, Tomás da (1912 [1909]). *Sermões da Montanha I. A Religião e o Povo*. 2ª ed. Porto: Livraria Char-dron, de Lello & Irmão.
- (1933): *A igreja e o condestável*. Coimbra: Instituto de Estudos Livres.
- (1957). *Agiológico Rústico I Santos da Minha Terra*. Lisboa: Edição do Autor.
- (1958). *O Diabo no Espaço e no Tempo*. Lisboa: Edição destinada ao Brasil.
- (2009 [1932]). *O Santo Condestável Alegações do Cardeal Diabo*. Lisboa: Antígona.
- PIMENTA, Belisário (1933). *Nun'Álvares chefe militar*. Coimbra: Académica Editora.

.....

RESUMO

O discurso sobre os santos e a santidade faz parte do campo semântico da religião. No *Agiológico Rústico*, livro publicado por Tomás da Fonseca em 1957, encontramos dez narrativas breves que traçam o perfil de homens e mulheres do mundo rural cujas vidas, simples e laboriosas, honradas e solidárias, fazem deles verdadeiros heróis do quotidiano. São os santos anónimos, dignos de verem as suas virtudes celebradas em hagiografias seculares. Com estas hagiografias, o autor não se limita a ampliar o número e a natureza dos tipos de santidade. Acima de tudo, quer subverter os pressupostos da hagiografia religiosa tradicional.

ABSTRACT

The discourse about saints and sanctity is part of the semantic field of religion. In *Agiológico Rústico*, a book published by Tomás da Fonseca in 1957, we find ten brief narratives that draw the profile of men and women of the rural world whose lives, simple and hardworking, honorable and sympathetic, turn them into true heroes of the everyday life. They are the anonymous saints, worthy of seeing their virtues celebrated in secular hagiographies. With these hagiographies, the author does not only amplify the number and nature of types of sanctity. Above all, he wants to subvert the premises of traditional religious hagiography.

